

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte ..... 1\$000  
Para as Provincias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A BASTARDA

### SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

X

(Continuação.)

Luciano tornou a descer, antes carregando do que amparando Magdalena.

— Senhor, disse elle, peço-lhe o favor de deixarmos entar no castello...

— Não se entra! respondeu-lhe francamente o sargento.

— Posso ao menos saber porque?

— É ordem do promotor publico.

— Mas... que significa essa ordem?

— Pergunte a quem a deu...

— O senhor está me fallando em um tom!...

— Fallo no tom que me apraz!... Afaste-se!...

Não se luta contra essa força inerte, escrava da disciplina, que se chama praça de policia.

Luciano e Magdalena aproximaram-se do grupo dos famulos, de que fallámos acima.

Esperavam que elles dessem alguma informação ácerca daquelle estranho e incomprehensivel acontecimento.

Os criados choravam, porém não sabiam de causa nenhuma, — senão que o promotor publico, dous senhores vestidos de preto e dous soldados de policia se achavam, naquelle momento, junto do conde de Vezay, e que ninguem podia entrar no castello.

Magdalena estava exausta de forças.

Soltou um suspiro profundo, e teria cahido de costas, se Luciano não a tivesse amparado nos braços.

O moço, desesperado, levou-a para a beira do parque, e estendeu-a em um banco de relva.

A situação do Sr. de Villedieu excedia naquelle momento todos os limites do horror e da inverosimilhança.

A estranha catastrophe a que o castello servia de

theatro confirmava terrivelmente as palavras de Joanna Caillouet.

A si proprio perguntava Luciano:  
— Casar-me-hia realmente com minha irmã? —  
Minha mulher será filha do assassino de meu pai?  
E nenhuma resposta tranquillisadora se lhe apresentava ao espirito.

XL

### O PROMOTOR PUBLICO.

Ao tempo em que se passava no parque, entre Luciano, Magdalena e Joanna, a scena a que os leitores acabam de assistir, eis o que ocorria no castello.

A carruagem de posta do promotor publico, escoltada por um piquete de policias, parára em frente á escada exterior, com grande pasmo dos criados, que no entanto não suspeitavam que sobre seu amo pudesse pairar uma accusaçao qualquer.

Tres pessoas se apearam do carro.

Eram o promotor publico, um juiz de instruccion e o escrivão deste ultimo.

O principal magistrado, homem de trinta e oito a quarenta annos de idade, bem educado, e muito protegido pelo Sr. chanceller, com uma de cujas sobrinhos se casára, chamava-se o Sr. Pesselières.

Não lhe faltava nem espirito, nem instruccion, e sabia principalmente ser delicado.

Por isso, em presença de una accusaçao tão grave, que desabava inopinadamente sobre um homem consideravel e considerado como o conde de Vezay, entendera elle de seu dever substituir pela sua presençā o mandado de prisão.

A si proprio promettia, ao mesmo tempo, usar de toda a contemplação compativel com a restricta execucao de seus deveres.

O juiz de instruccion assemelhava-se ao geral de seus collegas.

Era um homem em quem o ardil e a finura obscureciam ás vezes o bom-senso e a equidade. Não se podia, na opinião delle, chegar ao conhecimento da verdade senão por vias tortuosas.

Muitas vezes a sua pretendida perspicacia levava-o direitinho ao absurdo; então tornava-se teimoso, e substituia violentamente os seus sophisms à luminosa evidencia.



O conde foi o primeiro a romper o silencio.

— A que devo attribuir a honra da presençā do Sr. promotor publico em minha casa?... perguntou com voz bastante firme, embora o seu sangue se gelasse á idéa da resposta que ia talvez receber.

— A causa da minha presençā aqui, Sr. conde, respondeu lentamente o magistrado, é das mais tristes...

— Ouso esperar, tornou o Sr. de Vezay apôs ligeira pausa, que nenhuma accusação o conduz, e que o senhor não vem em busca de um criminoso sob o meu tecto...

— Infelizmente, Sr. conde, a accusação existe... e, quanto ao culpado... quanto áquelle, que, pelo menos, até o presente assim se deve designar... deseo e espero... oh! espero de toda a minha alma, encontral-o inocente...

E o magistrado calou-se.

O Sr. de Vezay teve apenas forças para perguntar:

— E esse culpado quem é?...

O promotor não respondeu.

O juiz de instruçāo não ousava fallar; mas, desde que se sentara naquella saleta, sentia um accesso de legitima impaciencia em presençā da inexplicavel lentidão de seu superior.

Teria sem hesitar feito algum sacrificio para vêr incontinenti um bom par de solidas e pesadas algemas nos pulsos do conde de Vezay.

— Quando o processo me chegar ás mãos, dizia consigo mesmo, creio que as cousas caminharão diversamente...

A anciadade se tornava mais intoleravel para o Sr. de Vezay do que uma certeza, por mais esmagadora que fôsse.

— Espero, senhor, tornou elle, que me queira dizer o nome daquelle a quem accusam...

— Sr. conde, disse o promotor sem dar uma resposta positiva áquelle interrogação formulada pela segunda vez, — lance, eu lhe peço, os olhos para o passado, interogue as suas remotas reminiscencias, — tenho que lhe fazer varias perguntas...

— Então, é de mim que se trata, senhor?

— E', Sr. conde, é da sua pessoa.

— Interogue; terei a honra de responder-lhe.

— Que idade tem, Sr. conde?

— Sessenta annos... vou fazel-los daqui a dias.

— Nesse caso, em 1820, o senhor tinha quarenta...

Aquella data, 1820, fez o Sr. de Vezay estremecer de modo tão visivel que o menos attento olhar devia perceber-lhe o abalo.

O promotor julgou descobrir naquelle um indicio de culpabilidade, e affligiu-se sinceramente.

O juiz de instruçāo sorriu-se e esfregou mansamente as mãos.

— E' a 1820 que devo remontar as minhas reminiscencias? perguntou o conde fazendo violento esforço para se dominar.

— É, Sr. conde.

— Tenho presente á memoria o anno todo de 1820...

— Está certo disso, Sr. conde?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, lembra-se sem duvida da noite de 20 de setembro?

Uma nuvem passou pelos olhos do Sr. de Vezay.

— Oh! se eu pudesse morrer!... pensou elle.

## XII

### O INTERROGATORIO.

— Serene o seu espirito, Sr. conde, disse o promotor, a quem não escapava o abatimento do velho.

— Oh! respondeu este ultimo, estou calmo, inteiramente calmo...

— Voltemos então á pergunta que eu lhe fazia: Lembra-se da noite de 20 de setembro de 1820?

— Perfeitamente, senhor.

— Essa noite, de ha vinte annos, fixou-se na sua memoria por alguma particularidade digna de nota?

— Sim, senhor.

— Qual foi ella?

— Ha tres particularidades, e dessas tres duas são bem tristes: primeiro que tudo, tive a infelicidade de perder minha mulher; depois, uma tempestade, como até entâo não havia lembrança de outra igual, desencadeou-se sobre esta regiāo... e finalmente, nessa noite fatal uma pessoa de minha intima amizade pereceu victima do mais deploravel accidente...

— Diga o nome dessa pessoa, Sr. conde, faça o favor...

Os labios do Sr. de Vezay tornaram-se pallidos e tremulos.

No entanto elle respondeu sem hesitar:

— O visconde Armando de Villedieu.

— Como foi entâo que elle morreu?

— Arrastado pelo seu cavallo nas fundas aguas do Loire... seu criado e seus doux cavallos foram engolidos pela voragem na mesma occasião...

— Terrivel catastrophe, com effeito!... Sabe-se donde vinha o Sr. de Villedieu a essa hora da noite?

— Não, senhor; ao menos, eu nunca o soube...

— O corpo dello foi encontrado?

— Não, senhor.

— E o do criado?

— Esse foi, no dia seguinte.

— O visconde de Villedieu, dizia o senhor ha pouco, era seu amigo intimo?...

— O melhor, talvez, dos meus amigos; — antehontem, o seu filho unico se casou com minha unica filha.

O promotor fez um gesto de supremo espanto.

— O senhor casou sua filha com o filho unico do visconde de Villedieu! exclamou elle.

— Sim, senhor... Que ha nisso de admirar?...

O promotor não respondeu.

Profunda e penosa preoccupaçāo parecia dominar-o.

Afinal fez elle um gesto brusco, como quem toma uma decisāo, e disse:

— Sr. conde, tem coragem?...

— Se tenho coragem?... penso que sim... Mas porque necessitaria tel-a hoje mais que de costume?...

— Porque vou pronunciar palavras que o ferirão dolorosamente na parte mais sensivel de sua alma e de sua honra...

— A minha honra nada tem que temer, senhor!

— Ardentemente o desejo, creia...

— Eu ouço, e estou preparado para tudo.

— Uma accusação claramente formulada e apoiada, se não em provas irrecusaveis, ao menos em presumpções graves, chegou ás minhas mãos...

— Uma accusação contra mim, senhor?

— Contra o senhor, sim.

— Falle.

— Dizem que na noite de 20 de setembro de 1820, o visconde de Villedieu não morreu accidentalmente, no Loire.

— Ah!

— Dizem que succumbiu a uma morte violenta...

— Um duello talvez?... balbuciou o Sr. de Vezay...

— Não se falla em duello, Sr. conde.

— Em que se falla então?

— Em assassinato?...

O Sr. de Vezay ergueu-se com um movimento brusco, pondo as mãos e estendendo-as ao céo com um gesto de desespero.

— Em assassinato!... exclamou com voz estridente; falla-se em assassinato? accusam-me de haver assassinado o Sr. de Villedieu?

— Sim, senhor conde...

— E quem ousa formular essa infame accusação?...

— Que importa o nome do accusador, desde que ao senhor seja possivel provar que elle mentiu?...

— Provar!... mas provar como?... porventura se prova a innocencia quando o pretendido crime ascende a vinte annos?...

— Já lhe disse, Sr. conde, que os factos que me foram denunciados repousam em graves presumpções... O senhor descutirá essas presumpções daqui a pouco, quando houver dominado a sua exaltação e recuperado algum sangue-frio.

O conde, sempre de pé, e mais semelhante a um defunto do que a um vivo, respondeu logo:

— Um momento de indignação muito natural deve, penso eu, ser-me perdoado... Sobra-me a necessaria calma para responder... Não percamos um momento, peço-lhe, abreviemos, tanto quanto do senhor depender, este horrivel suppicio...

— Seja, Sr. conde.— Repelle então a accusação de assassinato?

— Com horror!

— Acredita, como todos, que o Sr. de Villedieu pereceu por accidente?

— Sim, senhor.

— Ignora o que foi feito de seu cadaver?

— Absolutamente.

— E' verdade isso, Sr. conde?

— E' verdade, juro-o!

O promotor publico calou-se de novo, e de novo pareceu reflectir.

Sem duvida, preparava o que, em falta de mais

adequada expressão, chamaremos o *scenario* de seu interrogatorio.

Quando ergueu a cabeça e tomou novamente a palavra, a sua primeira pergunta foi esta:

— Disse-me, creio eu, que havia perdido a Sra. de Vezay na noite dê 20 de setembro de 1820, não é exacto?

— Sim, senhor.

— A que molestia succumbiu ella?

— A condessa morreu duas horas depois de haver dado á luz Magdalena, minha unica filha...

— Que idade tinha a Sra. de Vezay?

— Vinte e seis annos.

— Era formosa?

— Como um anjo.

— Por quem foi ella assistida em seus ultimos momentos?

— Pelo seu confessor, o cura desta parochia, e por seu medico, o Sr. Dr. Miraut, de Tours...

— O cura vive ainda?

— Ainda, e, comquanto tenha perto de oitenta e cinco annos, continua a ser nosso parocho...

— E o medico?

— O Dr. Miraut está muito forte ainda; vem aqui todas as semanas; ha cinco dias que cá esteve...

— Desculpe-me, Sr. conde, entrar em tristes particularidades que lhe trazem dolorosamente á lembrança um fim pungente e prematuro... Faço o meu dever, e não o que desejo.— Onde foi enterrada a Sra. condessa?

— No cemiterio da aldeia.

— Então não tem o senhor neste castello, conforme o costume das casas nobres, uma capella, e um subterraneo funerario?

— Ha no castello uma capella e subterraneos funerarios.

— Os seus antepassados descansam ahí?

— Sim, senhor.

— Abriu-se então uma excepção para a senhora condessa?

— Abriu-se.

— Porque?

— Porque a sua ultima vontade foi repousar sob a relva...

— Essa vontade foi consignada em seu testamento?

— Não, senhor.

— A quem foi então que ella a declarou?

— A mim.

— Só ao senhor?

— Só.

— E ninguem mais alem do senhor ouviu essas palavras?

— Creio que nãc.

— Nem o medico, nem o sacerdote?

— Ninguem.

Pela terceira vez o promotor calou-se.

(Continua no proximo numero.)

#### EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelle que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da foia sera suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.